

A SECRETARIA

Procuo um documento de que preciso com urgência. Não o encontro, mas me demoro a decifrar minha própria letra, nas notas de um caderno esquecido que os misteriosos movimentos da papelada pelas minhas gavetas fizeram vir à tona.

Isso é que dá encanto ao costume da gente ter tudo desarrumado. Tenho uma secretária que é um gênio nesse sentido. Perdeu, outro dia, cinquenta páginas de uma tradução.

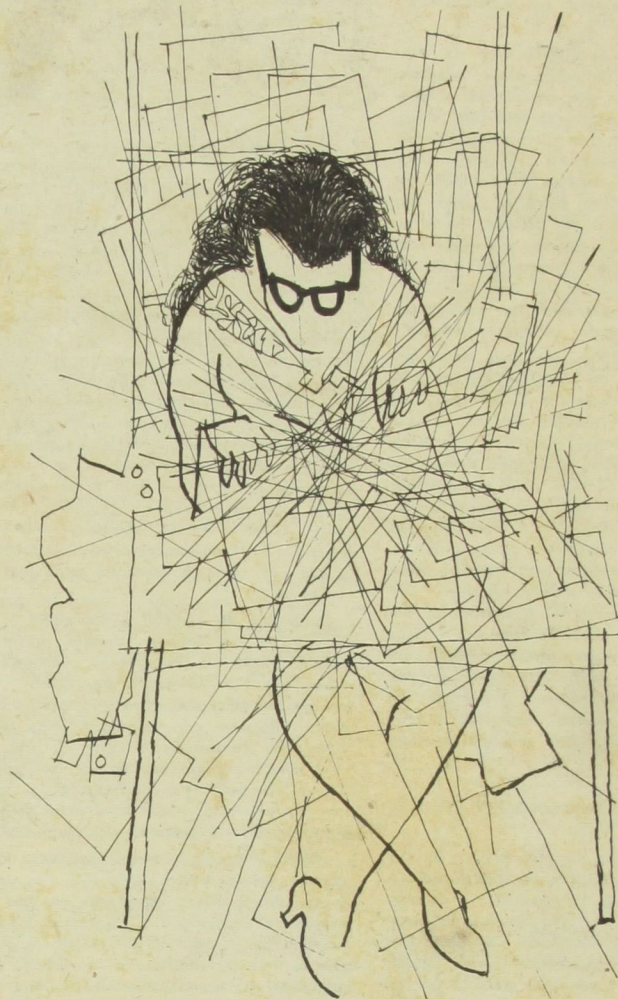
Tem um extraordinário senso divinatório que a leva a mergulhar no fundo do baú do quarto da empregada os papéis mais urgentes; rasga apenas o que é estritamente necessário guardar, mas conserva com rigoroso carinho o recibo da segunda prestação de um aparelho de rádio, que comprei em S. Paulo em 1941. Isso me fornece algumas emoções líricas inesperadas: quem não se comove de repente quando está procurando um aviso de banco e encontra uma conta de hotel de Terezina de oito anos atrás, com todos os vales das despesas extraordinárias, inclusive uma garrafa de água mineral? Caio em um estado de pureza e humildade; tomar uma água mineral em Terezina, numa saleta de hotel, oito anos atrás...

Não importa que ela faça sumir, por exemplo, minha carteira de identidade. Afinal estou cansado de saber que sou eu mesmo; não me venham lembrar essa coisa, que me entristece e desanima. Prefiro lembrar esse telefone de Buenos Aires que anotei, com letra nervosa, em um pedaço de maço de cigarros, ou guardar com a maior gravidade esse bilhete que diz: "Estive aqui e não te encontrei. Passo amanhã. "S." Quem é esse "S." ou essa "S." e por que, e onde e quando procurou minha humilde pessoa? Não sei? Era afinal, uma criatura humana, alguém que me procurava. Lamento que não estivesse em casa. Espero que eu tenha tratado bem a "S.", que "S." tenha encontrado em mim um apoio e não uma decepção — e que ao sair de minha casa ou de meu quarto de hotel tenha murmurado consigo mesmo — "o Rubem é um bom sujeito". Há papéis de visão amarga, que eu deveria ter rasgado dez anos atrás; mas a mão caprichosa de minha jovem secretária, que o preservou carinhosamente, não será a própria mão da consciência a me apontar esse remorso velho, a me dizer que devo lembrar o quanto posso ser inconsciente e egoísta? Seria melhor talvez esquecer isso; e tento me defender diante desse papel velho que me acusa do fundo do passado. Não, eu não fui mau; andava tonto; e pelo menos era sincero.

Mas para que diabo tomei tantas notas sobre a produção de manganês — e por que não mandei jamais esta carta tão afetuosa, tão cheia de histórias e tão longa a um amigo distante?

Meus arquivos, na sua desordem não revelam apenas a imaginação desordenada e o capricho estranho da minha secretária. Revelam a desarrumação mais profunda, que não é de meus papéis, é de minha vida.

Sim, estou cheio de pecado: e quando algum dia fôr chamado a um tribunal, humano ou celeste, para me julgar, talvez a única prova a meu favor que encontre à mão seja essa pequena nota com um PG a lápis e uma assinatura ilegível que atesta que — se respondi com frieza a muita bondade e paguei com ingratidão ou esquecimento algum bem que me fizeram — pelo menos, Senhor, pelo menos é certo que saldei corretamente a nota da lavagem de um terno de brim à Lavanderia Ideal, de Juiz de Fora, em 1936... E esta certeza humilde me dá um certo consolo.



GENTE DA CIDADE



Afonso Arinos
um Mello Franco

Desde 1750 há notícia certa dos Mello Franco em Paracatú; o nosso Afonso Arinos nasceu em Belo Horizonte, e bem nascido: o pai, que naquele ano de 1905 estava sendo eleito deputado federal e haveria de desempenhar um grande papel na República como político e ministro de várias pastas, principalmente do Exterior, casara-se com uma bela jovem filha de Cesário Alvim que duas vezes foi presidente de Minas. O menino, que recebeu o nome do tio diplomata e escritor, veio logo para o Rio e aos 5 anos foi para a Suíça; foi em francês que começou a aprender a ler. Lembra-se vagamente de uma eleição com muita gente na rua e dos cavalos usando chapéu — uma espécie de capuz com passagem para as orelhas, que muito o impressionou.

Voltando ao Rio com 6 anos, estuda com dona Dulce Nogueira da Gama, no começo de Ipanema; lembra-se da irmã tocando piano enquanto ele olhava o mar. Estudou depois com a senhora Melo e Sousa e fez o secundário no Internato do Pedro II, aluno de João Ribeiro (que chamou sua atenção para a literatura moderna) Antenor Nascentes, Floriano de Brito, Lafaiete Rodrigues Pereira. Professores rigorosos: a turma, a princípio de 80, acabou com 10 alunos. Nas férias o pai o obrigava a estudar ainda mais em Belo Horizonte, no Colégio Arnaldo ou no Anglo Mineiro. Foi então que conheceu Gustavo Capanema e Pedro Nava, que era Conde e usava monóculo. Foi um razoável béque direito, tirou 10 em História Natural (o pai queria fazê-lo ao mesmo tempo advogado e médico) e foi o primeiro aluno da classe. Sua grande vergonha dessa época: uma sua irmã descobriu e mostrou a Rodrigo M. F. de Andrade e a várias outras pessoas um livro de versos que escrevera em segredo e tinha um título terrível: "Caos". Em 1922 entra para a Faculdade de Direito, onde foi colega de Adauto Lúcio Cardoso, Zé-zinho Bonifácio, Luís Galloti, Oscar Tenório. Aos 18 anos o médico disse que ele devia ter cuidado com o pulmão. Foi para a Suíça onde passou dois anos, passando muito, lendo muito, vendo coisas; lembra-se com emoção do embaixador e escritor Magalhães Azeredo a lhe mostrar Roma e das pequenas viagens que fez com seu próprio pai, já viúvo, e representante do Brasil junto à Liga das Nações. Guarda dessa convivência maior com o pai e das leituras e prazeres dessa época a maior saudade.

Volta ao Rio, termina o curso de Direito em 1927 e é nomeado por Antônio Carlos promotor em Belo Horizonte. O velho Andrada era amigo de infância de seu pai e um tanto abusivamente nomeou o rapaz promotor mesmo antes de formado: Afonso Arinos entra na vida pública a sofrer, porisso, do jornal do Liminha, fortes ataques. Levava para Belo Horizonte um exemplar do Código de Processo Penal e o retrato de uma jovem. Como promotor e curador de menores, órfãos e ausentes teve contacto com

os criminosos e os miseráveis, a gente mais infeliz e desamparada do povo. "Foi uma grande lição de vida que recebi". Hoje se arrepende de ter mandado vários cavalheiros para a cadeia por 24 e 30 anos; acha que não conseguiria mais ser tão rigoroso. Mas o retrato da moça machucava o peito do enérgico promotor que cometia versos. Em sua casa apareciam Manuel Bandeira, Leal Costa, Capanema, Casasanta, Emílio Moura, João Alphonsus, Pedro Nava, Rodrigo, às vezes Drumond. No fim de um ano um amigo — José Tomaz Nabuco de Araújo — que haveria de se casar com uma de suas irmãs, arranjou-lhe lugar de advogado de uma empresa no Rio. Veio, e casou-se com Aná, que é neta do presidente Rodrigues Alves. Disso decorreram mais um Afonso Arinos (que está com 23 anos, é cônsul e no momento serve no Catete) e Francisco, que tem 20 anos e estuda engenharia.

O moço advogado continua a fazer literatura, é amigo de Prudentinho (com ele e Sérgio Buarque fundou "Estética"), liga-se a Ronald de Carvalho e Graça Aranha e tudo vai bem quando o pulmão desanda. Uma curta temporada em um Sanatório de Belo Horizonte e depois outra vez a Suíça, mas agora em regime de Sanatório, operações, tristeza, espanto, medo, paciência. Ribeiro Couto visita-o, dedica-lhe um livro de versos, o "Cancioneiro de Dom Afonso".

Sarado, Afonso chega ao Rio em 32. Não vira a Revolução de 30, e a de 32 acaba no dia de sua chegada. O irmão Virgílinho faz política em Minas e é prudente que Afonso viva em clima melhor que o do Rio: vai para Belo Horizonte dirigir o "Estado de Minas", dos Associados. Depois há cisão na política mineira e ele funda a "Fôlha de Minas" que então é um dos melhores jornais do Brasil.

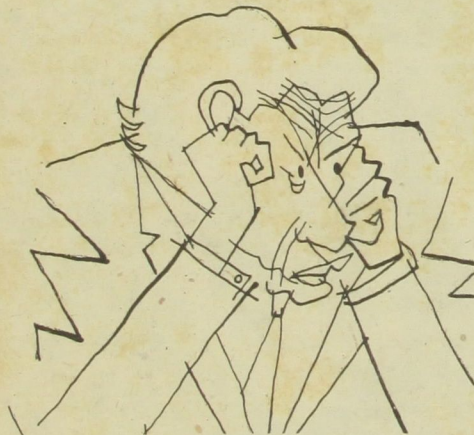
Em 1935 volta para o Rio: Oswaldo Aranha, contemporâneo de Virgílio na Faculdade de Direito e sempre amigo dele, arranja-lhe um lugar de advogado do Banco do Brasil. Escreve a história do Banco, dá um curso em Montevideu e outro em Paris, de onde volta em 39. Faz crítica literária no "Diário de Notícias". Em 1943 sofre um grande abalo com

a morte do pai; mais tarde, num almoço com Luis Camilo e Vinícius de Moraes, tem a idéia de lançar um manifesto assinado só pelos mineiros contra a Ditadura. Quando esse Manifesto (Afonso quase nenhuma interferência teve em sua redação) aparece, o ditador Vargas, irritado, manda demitir todo mundo que tivesse emprego público e até diretores de empresas particulares. Afonso perde seu lugar no B.B. e até 1945 vive de jornal, traduções, literatura, conspiração e empréstimos. Batiza a organização que se forma para lutar contra o Estado Novo: União Democrática Nacional. Com a queda de Vargas é readmitido no Banco e seu irmão Virgílio faz questão de que ele se candidate e deputado — “é preciso passar pelo Congresso”. O eleitorado o conhece muito pouco, é eleito primeiro suplente, e só em princípios de 47, com a eleição de Milton Campos para o governo de Minas, entra para a Câmara. Em 1948 sofre outro rude golpe — a morte trágica de Virgílio. Agora está dentro da política, faz a campanha do Brigadeiro, é eleito com boa votação e feito vice-líder; com a morte de Soares Filho ocupa a liderança da UDN e se empenha na luta parlamentar contra o governo Vargas. Considera sua criticada participação na Conferência de Caracas como um bom serviço que prestou ao Brasil.

Em 1949 vence concurso para professor de Direito Constitucional na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro e em 1950 para a mesma cadeira na Faculdade Nacional. No meio de tudo isso sua atividade intelectual é sempre imensa, publica, por exemplo, “Introdução à Realidade Brasileira”, “Preparação Nacionalista”, “Conceito de Civilização Brasileira”, “Espelho de Três Faces”, “O Índio Brasileiro na Revolução Francesa”, “Terra do Brasil”, “Mar de Sargãos”, “Portulana”, a peça “Dirceu e Marília”, uma edição crítica das “Cartas Chilenas”, “Um soldado do Reino e do Império”, “Desenvolvimento da Civilização Material do Brasil”, “Roteiro Lírico de Ouro Preto”, e mais alguns volumes de estudos, crítica, Sociologia, História, Literatura. Terminou agora, depois de 10 anos de trabalho, a biografia de seu pai “Um Estadista da República”, que José Olímpio editará em três volumes, num total de 2.000 páginas, um painel do meio século político brasileiro.

Diz não ter hábitos muito certos, nem manias nem “hobbies”, gosta sobretudo de ler, acaba de ser reeleito deputado, é mais sensível à pintura que à música, vai ao cinema na sessão das 6, tem uma capacidade de trabalho enorme e pretende publicar, para se livrar dêles, os versos que escreveu quando rapaz.

R. B.



Não se incomode

(AUTOR INGLÊS IGNORADO)

TRADUÇÃO DE GUILHERME DE ALMEIDA

*Há duas coisa só que podem incomodar:
Ser você bem sucedido ou mal sucedido.*

Se fôr bem sucedido,

*Não há motivo algum para se incomodar;
Se fôr mal sucedido, de duas uma:*

Ou você conserva a sua saúde, ou fica doente,

Se conservar a sua saúde,

*Não há motivo algum para se incomodar;
Se ficar doente, de duas uma:*

Ou você sara, ou você morre.

Se você sara,

*Não há motivo algum para se incomodar;
Se morrer, de duas uma:*

Ou você vai para o céu, ou para o inferno.

Se fôr para o céu,

*Não há motivo algum para se incomodar;
Se fôr para o inferno,*

*Você terá que cumprimentar tantos conhecidos,
Que não terá tempo para se incomodar...*



Soirée

IBRAHIM SUED

Durante um elegante jantar no Vogue, a sra. Loreto Lage e o sr. Alvaro Catão.

● **O SR. E SRA. ERNESTO WALLER** receberam para um elegantíssimo jantar em honra da Condessa de Plats, née, Monique de Saint, que se encontra em visita ao Rio. O acontecimento foi no Vogue, mulheres de vestidos decotados e senhores de “black-tie”. Os Waller receberam com perfeição e bom gosto. Um gostoso “menu” com champanhota e tudo. A “hostess” com um lindo vestido parisiense. A sra. Bento Ribeiro Dantas estava em uma de suas grandes noites, elegantíssima. As bonitas senhoras Lourdes Catão e Jorge Guinle, presentes. Dona Laura de Barros Moreira, com sua habitual simpatia. O senador e sra. Arthur Bernardes Filho. A elegantíssima sra. William Freman. Os Marqueses de Segur, Sr. e sra. Antenor Mayrink Veiga. Outra das elegantes da noite foi a sra. Paulo Antunes Ribeiro, com um lindo vestido. Ainda entre os que compareceram: Sr. e sra. José Caraballo. Sr. e sra. Guido Schwegler. Sr. e sra. Bob Winans. Sr. e sra. Rafael Larragoiti. Sras. Maria Luisa Melo. Gilda Bandeira Maudoin. Maria Helena Nobre. Sr. e sra. Joaquim Monteiro de Carvalho. Sr. e sra. Vitor Lage. O Conde e a Condessa de Larisch (muito elegante). Sr. e sra. Joaquim Guilherme da Silveira. Senhorita Marilú Montenegro. Sr. Murilo Moreira e sr. e sra. José Wilhensens Júnior.

● **NOTÍCIAS PAULISTAS:** Parece que a senhorita Bia Pereira e Sousa (paulista de quatrocentos anos mesmo) esteve no Rio, um grande “flirt”. E em São Paulo, a carioca Frida Schwegler também teve um “flirt”... Em São Paulo, casa-se o maestro Eleazar de Carvalho na próxima semana com a senhorita Jocy Carvalho de Oliveira. Parainfarão a cerimônia religiosa o Governador e sra. Munhoz da Rocha. Dizem que a senhorita Lalucha Fonseca está indecisa... O Sr. e sra. Rui Machado de Almeida apagaram velinhas de aniversário de casamento.

● **O COLUNISTA SOCIAL** de Belo Horizonte Wilson Frade (Rohan) está promovendo uma viagem de senhoritas mineiras ao Rio. Aqui, elas serão recepcionadas por esta coluna e, sem dúvida, haverá um almoço em MANCHETE.

● **NO DIA DO ANIVERSÁRIO** do sr. Didú Sousa Campos, um grupo de amigos organizou um “surprise-party” em sua residência. Um jantar foi improvisado. Muito bate-papo com champanhota e um bom “scotch”. A “hostess” recebeu com muito bom gosto. O embaixador e sra. Vasco Leitão da Cunha, de malas pronta para a Bélgica. Viajam dia 26. Está sendo esperada, no Rio, a modêlo número um da França, Suzy Parcker. Como vocês já devem imaginar, é amor... O romance começou na Cidade Luz, ele é o jovem Tony Mayrink Veiga. Parece que vai acontecer casamento. Será?

● **DIA 19**, o grande acontecimento elegante do mês, a festa da “Glamour-Girl” no Golden-Room do Copa. Como vocês imaginam, amanhã, sexta-feira, o “society” carioca estará reunido para escolher a jovem mais glamourosa do ano. As “patronesses” da festa são as senhoritas Maria Lúcia Mauriti, Ilde Garavaglia, Ana Lúcia Tamm, Maria da Glória Capanema, Regina Sampaio Dória, Gilda Santos Jacinto, Sônia Maria Wolter, Lúcia Cantalice, Maria Lúcia Gomes Lemos, Marina Miranda Freitas, Lúcia Sequeira Cortez, Marina Melo Franco Mesquita, Baby Vignole, Solange de Affonseca e Marilú Crespi. A eleição será feita pelas pessoas presentes ao acontecimento, cada “ticket” dá direito a um voto. As velas do “Golden-Room” vão se acender.

● **NA EMBAIXADA DO IRÃ**, o Ministro e sra. Gaffary ofereceram movimentada recepção. A Primeira Feira de Decoradores e Antiquários no Copa está fazendo sucesso. A equipe paulista de Polo, constituída dos srs. Luis Felipe Cintra, H. Florence, Tito e Cleon Sarvo, disputou várias partidas no Rio.

● **O SR. E SRA. ALBERTO TORRES** receberam para um elegante jantar, um grupo de amigos brasileiros e americanos. O sr. Antônio Alberto Torres (Nii) auxiliou devidamente os anfitriões a receber. Devo prevenir ao sr. Roberto Leão Veloso que ele está em um terreno perigoso... Na festa do Clube de Campo São Paulo, houve um início de romance que parece que pegou. Hoje é só. Estou muito ocupado. Me preparando para a festa da “Glamour” amanhã.



Em um Bazar de Caridade, as sras. João Penido, Luis Bastian Pinto e Roberto Marinho Azevedo Filho.



Em uma noite elegante, a sra. Mário Slerca e os srs. Tácito Silveira e Marques de Antici.